

☐ CLAPP, Rodney. *A Peculiar People: The Church as Culture in a Post-modern Society*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1996.

O autor, Rodney Clapp é pensador Episcopal, contudo cresceu e se desenvolveu dentro da Igreja Metodista Unida - EUA. No passado, também esteve conectado à Igreja Batista da Convenção Sul dos Estados Unidos e com as igrejas da Aliança Missionária Cristã. É editor da InterVarsity Press, uma publicadora de livros na área teológica. No passado foi editor da revista *Christianity Today*. Também é escritor e ensaísta contribuinte para periódicos como *Christian Century*, *Books & Culture*, *Wall Street Journal* e *Perspectivas*.

Em *A Peculiar People*, Clapp alerta uma realidade própria da igreja Americana. Seu ponto básico é: a igreja tem sujeitado-se ao que ele denomina de *ethos* americano que impede a igreja de ser a igreja real. O autor, sugere que a igreja tem se atrelado ao ‘status quo’ americano e não ao compromisso com os ideais cristãos desde o nascimento da igreja. O autor vai além desta constatação, ele ainda diz que a igreja privatizou a sua fé e que desta forma perdeu sua voz como comunidade alternativa numa sociedade dispersa e individualista.

Partindo da premissa de que a igreja dos nossos dias se torna cada vez mais destituída de significado e importância nas grandes questões da sociedade, o apelo do autor nesta obra é no sentido de chamar a igreja a rever a sua herança como um povo ‘peculiar’, composto de homens e mulheres seguidores do Caminho. A observação de Clapp é que, parte deste senso de irrelevância dos cristãos dos nossos dias, não se deve ao fato de que estes não tenham nada a oferecer a um mundo pós-Cristão. O autor registra esta postura pessoal em detrimento do fato de que a presença da igreja na sociedade pós-cristã é mais na categoria de um ministério de capelanias do que de inserção e influência para impactos de mudanças sociais. Portanto, rever a natureza do chamado que segue uma linha histórica, bíblica e teológica é uma tarefa necessária para redimensionar a herança de um povo chamado com propósito de servir como instrumento de influência e transformação social, ético e espiritual.

Admitindo ser um “cristão pós-moderno plebeu” (12) e que o pensamento pós-liberal pode contribuir para construir uma esperança de releitura da herança do passado que influencie no papel da igreja na sociedade de hoje, Clapp constrói o seu pensamento tomando como referência pensadores tais como Barth, Bonhoeffer, Niebuhr, Hauerwas entre outros.

Capítulo 1, “The Church and Unchurch”, deflagra a crítica do autor à igreja dentro do contexto da sociedade americana e a origem desta distorção. No entanto, o capítulo inicia-se com a constatação direta e precisa da imagem da igreja na sociedade moderna, ou seja, compara a presença da igreja como a de um capelão num navio que está prestes a colidir e onde somente o capitão terá uma função importante para evitar o acidente. Clapp menciona três caminhos pelos quais a igreja tem respondido para esta posição corrente em uma sociedade pós-moderna. A primeira forma é o que ele denomina de capitulação sentimental (19), a qual identifica com a linha liberal do cristianismo americano. Segundo o autor, aqueles que assumem esta perspectiva reconhecem que a igreja nada tem de singular a oferecer ao mundo pós-moderno, mas estão ao redor sentimentalmente através dos rituais de presença. À segunda linha, representada pelo fundamentalismo direitista que procura realinhar a igreja

com a herança do passado muito conectado ao orgulho étnico, é denominado de trincheiramento. O 'bons anos passados' da influência e presença cristã na sociedade são sonhados e os meios políticos são usados para tentar reaver o privilégio prévio do cristianismo dentro do estado. Clapp não esconde sua veemente rejeição para ambas as linhas. Antes de apontar a sua própria linha de postura, Clapp traça à luz da história, a partir de Constantino, passando pela Reforma, os caminhos pelos quais a igreja cristã perdeu a sua relevância na sociedade moderna. O autor sugere então uma outra forma da igreja se posicionar nesta nova realidade, ou seja, a da radicalização. Através deste modelo, os cristãos deveriam desconsiderar da ideia de serem responsáveis (o capitão do barco) pelo estado. Ao invés disso, a igreja cristã deve viver como uma seguidora radical do "Caminho" - o "Caminho Cristão". Para o autor há um espaço para o cristão na sociedade contemporânea se ao invés de tentar viver este sentimento de coparceira do estado-nação ela viver como uma comunidade vocacionada pela Trindade (32).

Capítulo 2, "The Church as Private Club", e capítulo 3, "The Church as Nation-State", são reservados para uma análise crítica negativa que Clapp faz ao significado do que significa ser igreja no atual contexto da sociedade americana quando sua proposta é de que o significado da igreja para a sociedade de hoje é ser e praticar igreja como sendo ela mesma uma comunidade política e cultural. No capítulo 2, Clapp retoma a perspectiva da igreja a partir da ideia de uma comunidade de trincheira que para o autor nada mais é do que uma forma de privatização do cristianismo. O autor identifica esta linha com o que denomina de "estratégia Constantiniana" (33). Seu argumento básico neste capítulo é de que os Estados Unidos "tem sido ansiosa e completamente Constantiniana", ou seja, um cristianismo como religião civil que, segundo Clapp não é cristianismo. Para o autor, não passa de um cristianismo individualizado e interiorizado, próprio do gnosticismo. O que caracteriza este tipo de cristianismo gnóstico? Significa uma tendência de acreditar e agir como se a fé e a salvação fossem bens privados, sem relações e pontes culturais e, pior, completamente a-histórica. Um lado mais obscuro desta postulação é que pastores e líderes da igreja desenvolvem ministérios de marketing e com um filtro psicoterapêutico. Para Clapp ambos concentram a prática da fé no indivíduo. Este tipo de cristianismo possui uma teologia como uma rua sem saída.

No capítulo 3, já acima mencionado, Clapp reserva sua argumentação e avaliação crítica para com a tendência de fazer do país (estado) a igreja. O autor faz esta crítica colocando em questionamento o entendimento que grupos fundamentalistas possuem do que é ser americano. Argumentando que não se pode conferir uma identidade a quem reside dentro dos Estados Unidos por ser uma nação de imigrantes, não se pode também dizer que a igreja seja a nação-estado.

Clapp reserva ao capítulo quatro uma linha da evolução histórica da cultura no contexto dos Estados Unidos. Sua ideia principal é que a guerra cultural existente na sociedade americana é positiva e a igreja deveria agradecer a Deus por ela. A razão básica para isto é que o conflito de pensamento e atitudes servem como oportunidade de provocar nova imaginação que resulta em nova ação. Argumenta que os primeiros cristãos viveram num período de extrema diversidade cultural e tal fato determinou o impulso da igreja. Clapp acredita que a diversidade de nossos dias é muito mais complexa e sempre em transição, daí porque o pós-moderno é uma porta para a igreja dos nossos dias agir.

Os capítulos 5 à 12 ganham a dimensão prática do autor. Trata das respostas da igreja a este mundo de diversidades que é o mundo pós-moderno.

Há um elemento importante deixado de lado por Clapp. O autor não faz menção à mensagem da cruz. É incompleto imaginar um plano que delinea caminhos de como a igreja

deveria operar sem a idéia bíblica de Evangelho. Quando olhamos para a teologia paulina de que o “evangelho é o poder de Deus”, devemos entender tal afirmação considerando que o evangelho, o meio pelo qual Deus manifestou-se redentivamente ao mundo, é o elemento chave para todas as questões da vida. A cruz é para a igreja cristã o ponto de referência para a construção de uma teologia de engajamento e ação pastoral. Não podemos pensar em comunidade em ação e engajamento sem a cruz porque o próprio Cristo em sua vida e missão a encarou também.

Existem aspectos cruciais abordados pelo autor com os quais precisamos nos alinhar. Consideremos, por exemplo, a sua crítica ao cristianismo privatizado e individualizado sem espaço para comunidade e inserção histórica e social. Uma leitura no NT nos permite perceber o senso de comunidade que havia entre a primeira comunidade de cristãos, renegada nos dias de hoje pela ênfase no sucesso e conquista individual.

Um outro fato digno de observação positiva é o de que agora é um momento oportuno para que a igreja faça uma reavaliação de si mesma, considerando sua postulação de fé e práxis. O fato de que fatores do mundo pós-moderno tem empurrado o cristianismo da sua presença pastoral na sociedade deveria sacudir a igreja a uma autoavaliação. A igreja não está sendo e nem foi chamada para ser tutora do mundo. Clapp também está correto em sua análise das duas perspectivas do ser e fazer igreja numa era, como ele mesmo diz, pós-Constantina. A linha capitulação sentimental rejeita-se porque não oferece mensagem real para a sociedade. A linha de reintrincheiramento porque é reduzir o evangelho a um orgulho nacional que nunca foi e jamais será validado pelo próprio evangelho.

Finalmente, é positiva a proposta de levar a igreja a celebrar a diversidade cultural neste mundo pós-moderno. Concordamos com o autor porque entendemos que a diversidade não é um atributo da sociedade pós-moderna, mas antes um valor cristão que brota da visão bíblica da igreja. O NT atesta isto quando diz que de “todas as línguas, povos e raças, muito virão adorar ao Senhor”.